

A heterossexualidade normativa e a impetuosidade do desejo

Gley P. Costa¹

Resumo: O trabalho consiste numa revisão crítica do conceito de sexualidade na obra de Freud e do conceito de gênero em voga. Neste artigo, a parentalidade é abordada em consonância com as novas apresentações da sexualidade na sociedade contemporânea. Tendo em vista a íntima relação com o tema da sexualidade, também o conceito de desejo é contextualizado na teoria psicanalítica. Por último, são destacados os avanços da epigenética nas configurações da sexualidade e do gênero.

Palavras-chave: Bissexualidade. Epigenética. Parentalidade. Sexualidade. Teoria da complexidade.

Introdução

A descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil representam os dois pilares da teoria psicanalítica freudiana. Sobre sexualidade, tema deste trabalho, Freud escreveu mais de 30 artigos que confrontaram o mundo acadêmico, o pensamento religioso e a sociedade da época. Uma breve revisão histórica da obra freudiana sobre a sexualidade testemunha sua atualidade, passados 100 anos, e revela o não comprometimento de Freud com o quadro rígido das normatizações, das restrições e das prescrições comportamentais impostas pela cultura. Ao contrário, ela evidencia que o criador da psicanálise se antecipou a

¹ Membro fundador, titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

uma maior aceitação das variadas apresentações da sexualidade e as situou no âmbito das relações amorosas de crianças e adultos.

Teoria da sexualidade

A concepção freudiana de sexualidade pode ser identificada neste trecho de seus escritos: “A criança no seio da mãe é o protótipo de toda a relação amorosa. Encontrar (mais tarde) o objeto sexual é, em suma, apenas reencontrá-lo”. Essas palavras estão na página 229 do artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1905 – um dos trabalhos mais importantes de toda a obra de Freud –, no qual ainda faz a afirmação mais contundente sobre a sexualidade humana, até hoje polêmica, mas da qual não se afastou até o final da vida. Diz ele que todo o ser humano apresenta “uma disposição física originalmente bissexual” (Freud, 1905/1972a, p. 142).

Cinco anos mais tarde, em *Sobre psicanálise selvagem* (1910/1970), Freud subtrai a sexualidade do puro instinto e a considera integrante da vida afetiva, como refere o trecho a seguir:

Empregamos o termo *sexualidade* no mesmo sentido abrangente que a língua alemã usa com a palavra *lieben* (amar). Por isso, preferimos falar em *psicosexualidade*, enfatizando que o elemento psíquico da vida sexual não deve ser esquecido nem subestimado. (p. 327)

Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud vai mais adiante e descola a sexualidade da reprodução. São suas as seguintes palavras:

Para escândalo do mundo austero, respeitável ou simplesmente hipócrita, a psicanálise em seu desenvolvimento ampliou o conceito de sexualidade para abarcar muita coisa que não se incluía na função reprodutiva. (1920/1976a, p. 222)

Na sequência, em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos* (1925), retoma ao tema da bissexualidade inata e afirma que

todos os indivíduos humanos, como resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto. (Freud, 1925/1976c, p. 320)

Na mesma linha de pensamento, no artigo *O mal-estar na civilização* (1930/1974), Freud coloca com uma clareza meridiana a questão que ocupa o centro do debate sobre a sexualidade na atualidade, passados quase 90 anos:

A exigência de que haja um tipo único de vida sexual para todos não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça. (p. 125)

Finalmente, em *Análise terminável e interminável* (1937/1975), com absoluta precisão e clareza, Freud coloca as bases da escolha do objeto sexual. Apesar disso, grande parte dos indivíduos, incluindo psicanalistas, ainda não conseguiu se convencer:

É bem sabido que em todos os tempos houve, como ainda há, pessoas que podem tomar como objetos sexuais membros do seu próprio sexo, bem como do sexo oposto, sem que uma das inclinações interfira na outra. . . . Todo ser humano é bissexual e sua libido se distribui, quer de maneira manifesta, quer de maneira latente, por objetos de ambos os sexos. . . . A heterossexualidade de um homem não se conformará com nenhuma homossexualidade e vice-versa. Se a primeira é mais forte, ela obtém êxito em manter a segunda latente. . . . Cada indivíduo só possui à sua disposição certa cota de libido, pela qual as duas inclinações rivais têm de lutar. Não está claro por que as rivais nem sempre dividem a cota disponível de libido entre si, de acordo com a sua força relativa, já que assim podem fazer em certo número de casos. (pp. 277-278)

Crítica à teoria da sexualidade

Embora a humanidade deva a Freud os seus maiores avanços ao enfrentar e ultrapassar os preconceitos impostos pela cultura, a religião e a própria ciência, não podemos nos afastar da indispensável necessidade de estabelecer um diálogo crítico com as suas ideias sobre a sexualidade, especialmente a feminina, para que se possa dar conta da clínica, que hoje nos desafia com as novas apresentações da sexualidade e da parentalidade.

Em relação a esse tema, faz-se necessário não apenas revelar o que, de certa forma, é negado pela teoria psicanalítica clássica. É também importante opor-se a uma aceitação incondicional de supostos básicos considerados imutáveis e caminhar na direção de uma necessária desconstrução dos códigos simbólicos que ordenam os laços afetivos de uma sociedade hegemonicamente falocêntrica.

Em primeiro lugar, é necessário considerar que as teorias são formuladas em um contexto cultural, científico e de experiências pessoais que lhes conferem legitimidade. Com Freud não foi diferente. Ele observou e pensou a sexualidade feminina comprometido com as ideias imperantes no ambiente sociocultural de sua época: uma Viena imperial com costumes burgueses e patriarcais que defendia a preservação de um “ideal feminino”. Esse contexto pode ser observado na carta

que enviou, em 15 de novembro de 1883, a Martha, sua noiva, sustentando que “o cuidado da casa e a educação dos filhos impedem a mulher de exercer qualquer profissão” (Freud, 1963/1984, p. 32).

Obviamente, Freud também conviveu com outras mulheres, como a cunhada Minna, com quem trocava confidências; com as discípulas Helène Deutsch, Marie Bonaparte, J. Lampl-De-Groot e Ruth Mack Brunswick, que tinham profissão (diferentemente de Martha), mas concordavam integralmente com as suas ideias. Além dessas mulheres, Freud se relacionou com as pacientes histéricas que frequentavam o seu consultório e que, com os seus sintomas, deram sustentação clínica às suas concepções teóricas sobre inveja do pênis, passividade da mulher e masoquismo feminino, que, equivocadamente, estendeu a todas as mulheres.

Principalmente por conta da experiência com suas pacientes, a maioria gravemente enferma, Freud atribuiu ao sexo feminino não menos do que uma maior rigidez psíquica, um superego débil, uma falta do sentido de justiça, um limitado interesse por causas sociais e uma menor capacidade de sublimação e mudança. Ele entendia que o difícil e prolongado desenvolvimento da sexualidade feminina esgotava esses atributos das mulheres, de quem, por fim, em suas palavras, conforme confidenciou a Marie Bonaparte em 1925, “nós homens não conseguimos saber o que elas realmente querem” (Bertin, 1998, p. 103).

É possível que todo o desenvolvimento teórico de Freud sobre a sexualidade feminina apresente o que se chama de *erro de origem* quanto ao conceito de “masculinidade primária da menina”. Esse pensamento de Freud foi contestado por Jones que, opostamente, alega existir uma “feminilidade primária”, baseada em um conhecimento primordial da vagina. Em sua abordagem da repressão, chave de ouro do estudo não só da histeria, mas da teoria psicanalítica como um todo, Freud, evidentemente, priorizou o potencial da pulsão e da fantasia, mas não desprezou a força dos fatores socioculturais, que também não faltou no seu entendimento do universo feminino. Nessa perspectiva, propomos questionar três conceitos basilares da teoria freudiana:

- 1) o conceito de *diferença sexual*, que se relaciona com o outro diferente;
- 2) o conceito de *complexo de Édipo*, que se relaciona com a castração;
- 3) o conceito de *primazia fálica*, que se relaciona com a inveja do pênis.

O conceito de *diferença sexual* é sustentado em Freud por uma lógica binária, ou seja, é estabelecido na relação fálico-castrado, ou presença-ausência, homologando o masculino e o feminino estritos, isto é, sem espaço às subjetividades sexuadas

que não se sujeitam à essa síntese dialética. Afora isso, trata-se de uma teoria de conotação essencialmente falocêntrica, na qual a mulher é outra não pelos seus direitos, em outras palavras, pela sua singularidade, mas pela diferença anatômica em relação ao homem.

Quanto ao segundo item, Freud recorreu ao mito edípico para metaforizar a construção da subjetividade de meninos e meninas, indissociável da fantasia de castração engendrada pela visão da diferença anatômica dos sexos, configurando o famoso *complexo de Édipo*. De acordo com Freud, a ameaça de castração põe fim ao complexo de Édipo no menino; a aceitação da sua castração dá início ao complexo de Édipo na menina, que, frustrada, decepcionada e desvalorizada por não possuir um pênis, encontrará uma saída na repressão de seus impulsos sexuais, no “complexo de masculinidade” que poderá conduzi-la à homossexualidade, ou, preferentemente, à maternidade, mediante a equação pênis-filho. Contudo, devemos considerar que à menina não falta nada do ponto de vista anatômico: ela é como é, e a sua sexualidade precisa ser desvinculada tanto do desejo de maternidade quanto do desejo de ter filho, o qual também devemos conceder ao homem e não exclusivamente à mulher, como preconizou Freud.

A terceira questão da teoria freudiana – a *primazia fálica* e, como decorrência, a inveja do pênis pela mulher – tem o seu ponto de apoio na saída heterossexual normativa do Édipo tanto para meninos quanto para meninas, a qual se choca dentro da obra freudiana com a bissexualidade inata e com o polimorfismo da sexualidade infantil. Na verdade, é o Édipo completo, positivo e negativo, que responde com mais precisão à complexidade dos processos de subjetivação sexual. Nesse contexto, ficam questionados tanto o complexo de castração quanto a inveja do pênis como teorias únicas explicativas da construção da subjetividade na mulher. A castração, ou seja, a castração simbólica – como advertiu Lacan (1966/1978) – é uma referência à incompletude do ser humano, portanto, aplicável a ambos os sexos. Para Dolto (Nasio, 1995), a castração, concebida na relação com o outro, longe de ser uma barreira ou um trauma negativo, é dinamizadora e condição de desenvolvimento e acesso a uma autonomia maior. Para essa autora, a castração (umbilical, oral e anal) é simboligênica por impedir as pulsões de se satisfazerem de imediato em um circuito curto em direção ao objeto visado e por adiar a satisfação delas num circuito longo, mediante um objeto transicional e, posteriormente, graças a sucessivos objetos.

Portanto, é necessário reconhecer que, nos amplos limites de sua maravilhosa concepção da bissexualidade inata e do polimorfismo perverso da sexualidade infantil, Freud, de um lado, desvalorizou a sexualidade feminina e, de outro,

subtraiu uma parte importante das fantasias sexuais masculinas. Fantasias que, diga-se de passagem, sempre foram desmentidas pelos homens, mas que são de grande importância para a construção da subjetividade sexuada tanto masculina quanto feminina.

Na verdade, são dois grupos de fantasias. O primeiro grupo relaciona-se à inveja que o homem sente da mulher, uma verdadeira “inveja da vagina”, mas que, na verdade, é muito mais: é o desejo de ser uma mulher em sua plenitude. O desejo do menino de gerar bebês e cuidar deles pode ser considerado universal (Costa & Katz, 1983). Na mesma linha de raciocínio, o menino também fantasia ser a mulher do seu pai e obter dele todas as vantagens que ele supõe que o pai proporciona à mãe. Alguns pacientes adultos revelaram em seu tratamento a fantasia de ser uma das “putinhas do pai”. O anseio de ocupar o lugar da mulher do pai pode ser transferido ao pai da esposa, transformado em “Sua majestade, o sogro” (Costa, 2006a).

O outro grupo de fantasias se relaciona com os medos que o homem sente diante de uma mulher. Esses medos são três, os quais se revelam nas brincadeiras da mãe com o seu bebê²:

Primeiro medo: *perder a identidade*. A brincadeira que ilustra esse medo corresponde ao momento em que a mãe tapa com a mão os próprios olhos ou vira o rosto para o lado e diz: “Não quero te ver mais”. A criança se desespera porque se reconhece no espelho dos olhos da mãe. A ameaça correspondente do adulto é “Tu nunca mais vais me ver”, ou “eu nunca mais vou te olhar”.

Segundo medo: *perder o objeto de amor*. O brinquedo que ilustra esse medo é o conhecido “esconde-esconde”. Essa ameaça é a mais comum no jogo amoroso dos adultos. Quem não passou um dia sem responder à mensagem do namorado ou da namorada para que ele ou ela ficasse com medo da perda?

Terceiro medo: *perder a existência*. É o mais essencial e mais primitivo dos medos masculinos. Como é feito esse brinquedo? A mãe pega a mãozinha, o bracinho ou o pezinho do bebê e diz: “Vou te comer”. O medo implicado, como destacado em outro trabalho (Costa, 2006b), é o de ser engolfado pela mãe, voltar a fazer parte de suas entranhas e deixar de existir. Não é de graça que a relação sexual entre a mãe e o filho faz com este se torne psicótico para sempre, o que não se observa na relação sexual entre o pai e a filha. O medo do engolfamento encontra-se entre as fantasias amedrontadoras em casos de ejaculação precoce e dá sentido à expressão de caráter defensivo “eu quero te comer”, que os homens dizem às mulheres quando desejam manter uma relação sexual com elas.

2 As mesmas fantasias são observadas na relação da menina com a mãe. Porém, no menino, elas assumem uma dimensão mais marcante.

Os sentimentos de inferioridade do homem, resultantes da sua incapacidade de gerar e criar bebês e do medo de ser engolfado pela mulher no ato sexual, fizeram com que, defensivamente, criassem o mito da fortaleza masculina, responsável por uma cultura em que a mulher, além de desvalorizada, é maltratada e vítima de violência.

Conceito de gênero

Mais recentemente, o conceito de gênero ganhou espaço no estudo da sexualidade, criado para diferenciar o comportamento sexual do sexo anatômico, estabelecendo que existe uma identidade sexual (homem-mulher) e uma identidade de gênero (masculino-feminino). O conceito de gênero começou a ganhar relevância na década de 70 com o movimento feminista francês, em particular com o livro de Simone de Beauvoir *O segundo sexo* (1949/1973), do qual ficou famosa a frase: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (p. 9). Com isso, a escritora quis acentuar que tornar-se um indivíduo feminino ou masculino não é natural, depende da cultura.

O gênero é constituído por comportamentos, preferências, interesses e posturas, incluindo a forma de se vestir, andar e falar, histórica e socioculturalmente estabelecidos, configurando a masculinidade e a feminilidade nem sempre coincidentes com a identidade sexual, estabelecida pela anatomia. Os indivíduos nos quais se observa essa discordância são chamados de transexuais.

Uma das mais importantes e conhecidas estudiosas desse tema, a filósofa e feminista norte-americana Judith Butler (1990/2015), contesta a noção de identidade de gênero ao afirmar que o gênero não é o que somos, mas o que fazemos e, em função disso, ou seja, do que fazemos, temos o nosso corpo designado como masculino ou feminino. Ela refere que o anúncio ao casal gestante “é uma menina” ou “é um menino”, feito pelo médico diante da tela de um aparelho de ultrassonografia, põe em marcha o processo de fazer desse ser um corpo feminino ou masculino. Trata-se, portanto, de um ato performativo que inaugura uma sequência de atos performativos que vai constituir um sujeito de sexo e de gênero.

Especificamente no campo da psicanálise, a concepção de gênero, até hoje aceita com reservas, desenvolveu-se lentamente a partir de Stoller (1968/1974, 1975/1982, 1985/1993), com a diferenciação entre *identidade sexual*, conferida pelos genitais, e *identidade de gênero*, dada ao indivíduo pelo ambiente. Segundo as palavras desse autor, ao nascer, não sabemos o que é masculino ou feminino; são

os pais e a sociedade que nos ensinam. Para Stoller, que considera a identificação com a mãe primária para meninas e meninos, o termo *identidade de gênero* refere-se à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes.

Crítica ao conceito de gênero

A discussão que se manifesta a propósito do conceito de gênero é sobre o fato de que ele mantém o caráter binário da sexualidade, cuja linearidade com o sexo anatômico estabelece um padrão de normalidade quando identidade sexual e identidade de gênero são concordantes, e um desvio quando são discordantes. E, mesmo que os sexos pareçam tão obviamente binários em sua morfologia e constituição, nosso ponto de vista é de que não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. Sendo assim, o conceito se torna bastante discutível.

A relação mimética do gênero com a materialidade do corpo cria a heteronormatividade e a torna compulsória para homens e mulheres. Na origem desse condicionamento da sexualidade, observa-se a “naturalização” da heterossexualidade. Na verdade, temos o sexo, determinado pela anatomia, configurando o homem e a mulher; o gênero, caracterizando a masculinidade e a feminilidade, que possui uma base não exclusivamente orgânica; e, ainda, a escolha do objeto sexual, que poderá ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Dessa forma, um indivíduo pode ser identificado como homem ao nascer, de acordo com os seus genitais; desenvolver, pela sua conduta e interesses, um gênero feminino e fazer uma escolha objetal homossexual ou heterossexual, de acordo com o seu gênero e o gênero do seu parceiro. Acentuou Freud, em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920), que os caracteres sexuais somáticos (homem/mulher) podem não coincidir com os caracteres sexuais psíquicos (ou seja, o gênero, um conceito que ainda não existia). Para exemplificar, ele refere que pode haver um indivíduo anatomicamente masculino, com grande virilidade, que efetue uma eleição homossexual de objeto (1920/1976b).

Um aspecto importante a considerar e que está relacionado com o conceito de gênero é a tendência a achar que toda relação homossexual reproduz uma relação heterossexual, um parceiro funcionando como homem e o outro como mulher. Essa ideia é falsa. Como ilustração, cita-se o seguinte caso: uma mulher de 36 anos, muito feminina e muito elegante, mantinha um relacionamento com outra

mulher, de 42 anos, igualmente muito feminina e muito elegante, ambas bem-sucedidas em suas respectivas áreas profissionais, evidenciando que o prazer de olhar e a fascinação com o corpo feminino em seus possíveis contornos poéticos e eróticos não é uma prerrogativa de homens, muito menos segue a mesma lógica voyeurística (Costa, 2017).

Na verdade, homossexualidade e, pelas mesmas razões, heterossexualidade, pelas suas variações, deveriam ser palavras sempre ditas no plural: homossexualidades/heterossexualidades. Um exemplo dessa visão mais ampla do gênero pode ser vista no personagem do filme *Laurence Anyways* (2012), do diretor franco-canadense Xavier Dolan. Trata-se de um escritor que, embora aprecie arrumar-se como mulher para os padrões vigentes, não é homossexual, é heterossexual: ele ama e deseja sexualmente sua mulher. Considerando as várias formas de apresentação da sexualidade, talvez fosse relevante falar em diversidades sexuais, englobando, como sugere Glocer Fiorini (2015), as *sexualidades nômade*s, aquelas em que o exercício sexual se produz fora das normas heterossexuais vigentes. E quanto às *questões de gênero*, pode-se levar em conta não somente os casos de transexualismo, mas também aqueles que, na atualidade, são chamados de transgêneros: indivíduos que se caracterizam pela não aceitação das práticas e dos códigos de gênero normativamente estabelecidos.

Por tudo isso, conclui-se que o conceito de gênero carece de uma atualização à luz das novas apresentações da sexualidade e da parentalidade, nas quais é questionada a linearidade sexo-gênero-prática sexual em consonância com a afirmativa de Freud (1925/1976c) de que a masculinidade e a feminilidade puras não passam de construções teóricas de conteúdo incerto. O masculino e o feminino resultam, conforme a hipótese de Butler (1990/2015), de um discurso hegemônico respaldado pela cultura, religião e ciência, em prejuízo do reconhecimento das diferenças que, no mundo contemporâneo, conferem ao amor a sua maior expressão nos relacionamentos de todos os níveis.

Neoparentalidades

Cabe considerar a maternidade, principalmente, mas também a paternidade, assim como a hetero e a homossexualidade como construções culturais e, portanto, sujeitas a diferenças e mudanças relacionadas com o tempo e o espaço. Nessas construções culturais, também se encontra o que é denominado de “mito do amor materno”: a crença largamente difundida de que os sentimentos em relação ao filho são exclusivos e inatos, fazendo parte da natureza humana. O

mito de que o amor pelo filho é um sentimento inerente à condição feminina, aparentemente, foi uma forma de a sociedade compensar a desvalorização da mulher, em particular pela sua dedicação exclusiva ao trabalho doméstico. Dessa forma, nega-se que o amor materno, assim como o paterno, é conquistado no convívio com a criança, podendo variar de acordo com as condições materiais, físicas e emocionais dos pais, passíveis de identificações de parte a parte. Atribuir ao amor materno uma condição inata impõe à mulher que não deseja ter filhos um sentimento de culpa muito grande, além da desvalorização do meio familiar e social, que considera essa opção uma demonstração de desamor, restringindo, em muitos casos, o reconhecimento de suas capacidades para cuidar de crianças em áreas tão importantes quanto o ensino, a medicina e o serviço social (Costa, 2007, 2017).

Por muito tempo, perdurou a convicção implicada na máxima *Mater semper certa est, pater nunquam* (Sempre há certeza sobre quem é mãe; quanto ao pai, nunca). Não obstante, nos últimos anos, avanços da ciência, como a determinação do DNA e os métodos de reprodução humana, revelaram novas configurações familiares, com articulações inéditas entre consanguinidade, filiação e parentesco. Ao mesmo tempo, modificaram-se radicalmente as posições tanto da mulher quanto do homem no que diz respeito às funções maternas e paternas, levando-nos a considerar algo há alguns anos impensável: o desejo de filho do homem em pé de igualdade com o naturalizado desejo de filho da mulher (Alkolombre, 2017).

É sabido que não podemos atribuir à janela a paisagem que ela nos proporciona. No entanto, no que diz respeito à maternidade e à paternidade, parece que sempre se contraria essa evidência ao relacionar as funções chamadas “maternas” e “paternas” ao sexo anatômico “feminino” e “masculino” dos pais, sem definir exatamente quais são essas funções e, muito menos, sem levar em consideração a estrutura sexual interna dos cônjuges. Lander (2010) denominou isso de “essência do gênero”, relacionada com o inconsciente freudiano a partir de quatro registros diferenciais: (1) sadismo e masoquismo; (2) perversão e erotomania; (3) ingenuidade e intriga; e (4) violência assassina e maldade oculta³. Conforme salientou-se acima, a estrutura sexual inconsciente masculina

3 Sadismo aqui significa ativo e penetrador, e masoquismo, o desejo de ser penetrada passivamente, correspondendo ao caráter masculino e feminino, respectivamente. Perversão relaciona-se com a desmentida da castração do caráter masculino e com a erotomania do caráter feminino, corresponde à transferência ao outro do desejo de ser penetrada. A ingenuidade corresponde ao caráter masculino, e a intriga (artimanha), ao feminino. Violência assassina configura a estrutura interna masculina, e maldade oculta, a estrutura interna feminina.

ou feminina, a “essência do gênero”, nas palavras de Lander, independe se se trata de uma pessoa nascida homem ou mulher e, ainda, se a sua orientação na escolha do objeto sexual é homossexual ou heterossexual. Conseqüentemente, um indivíduo pode nascer com o órgão anatômico masculino, desenvolver uma estrutura sexual inconsciente feminina e estabelecer uma relação heterossexual, se for com uma mulher, ou homossexual, se for com um homem. Na dependência da estrutura sexual inconsciente da parceira ou do parceiro, essas relações serão homossexuais ou heterossexuais apenas na aparência.

As novas configurações familiares biparentais, resultantes de relacionamentos hetero, homo e transexuais, ou monoparentais, femininas e masculinas, além das estabelecidas nessas duas situações mediante procedimentos de reprodução assistida, com a utilização de gametas doados e aluguel de barriga, põem em dúvida certezas e despertam, em um grande número de indivíduos, reações radicais. De outra parte, observa-se uma crescente aceitação e visibilidade desses novos arranjos tanto da sexualidade quanto das famílias que deles resultam. Isso impõe à psicanálise, como sugere Glocer Fiorini (2017), a tarefa de refletir sobre o impacto desses diferentes modos de organização familiar nos processos de subjetivação de seus membros, evitando tanto os moralismos maniqueístas quanto os posicionamentos complacentes e acríticos. Além disso, propõe uma discussão sobre a seguinte questão: as crianças criadas por essas diversidades de sexo e de gênero estariam, necessariamente, alijadas dos processos de subjetivação simbólica e inserção num universo de laços sociais?

Em busca de uma teoria para o desejo

Na sua origem, desejo e sexualidade se encontravam intimamente ligados. Uma das mais remotas noções de desejo remonta a Sócrates, que o postulou, no *Banquete de Platão* (380 a.C./2017), uma inclinação que tende a compensar o que falta ao sujeito. Na verdade, essa concepção do desejo percorreu toda a antiguidade clássica nas palavras de Sêneca, Ovídio, Horácio e muitos outros. Por extensão, podemos dizer que, para os filósofos gregos da antiguidade, o desejo configurava uma busca de troca e de união com o outro. O homem da Idade Média, contudo, não mais terá em mente o “cuidado de si”, a busca do prazer, mas será um homem consagrado ao divino. Enquanto na antiguidade clássica as forças desejanças da alma eram utilizadas em proveito do corpo, na época medieval qualquer prazer que derivasse dessa fonte deveria ser sublimado na forma de “gozo espiritual”. Por conta disso, o desejo que, para os filósofos da

Grécia antiga, pertencia ao campo da estética, na *episteme* medieval foi transferido para o campo da transgressão. O binômio corpo/alma que, na ética aristotélica, representava um contínuo indissolúvel, sob a influência do “poder pastoral” da Idade Média, assumiu uma forma dicotômica de oposição, configurando um modelo de relação mente-corpo que se manterá até o início do Renascimento, quando então emerge o sentido da introspecção, a partir do qual veremos surgir a dimensão do sujeito. Através das descobertas de Freud sobre o inconsciente e a sexualidade infantil, a psicanálise promoverá uma retomada da *episteme* clássica (Naughton, 2005).

O poeta Mário Quintana (1906-1994) criou a frase “O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente” (2006, p. 285). Algo parecido pode ser atribuído ao desejo: ele também não sabe o seu lugar e, da mesma forma, está sempre presente. Diz Dolto (Nasio, 1995) que o ser humano, desde a sua origem, é uma fonte autônoma de desejo. A autora enfatiza que o nascimento é fruto de três desejos: desejo de uma mãe, desejo de um pai e desejo de um sujeito de se encarnar num corpo através de trocas substanciais e sutis. O substancial corresponde ao mundo das necessidades, enquanto o sutil diz respeito à comunicação coração a coração, ao desejo, ao olfato, à audição e à visão – aspectos identificados nas relações amorosas de crianças e adultos. Desejar e ser desejado marca o início da vida. Não obstante, o conceito de desejo carece de precisão na literatura psicanalítica. Isso por que, embora a palavra seja referida mais de duas centenas de vezes em sua obra, Freud não chegou a elaborar uma teoria sobre o desejo, em que pese ele se encontrar em todos os lugares – inconsciente, pré-consciente e consciente – e todas as estruturas – id, ego e superego – reivindicarem seu direito sobre ele. Questiona-se se ele é uma primazia de Eros ou se vai além do princípio do prazer em atendimento às demandas da pulsão de morte e, ainda, se ele é sempre e necessariamente relacionado com o objeto ou se é possível pensar em um desejo narcisista.

No *Projeto* (1895/1977), Freud ressalta que os impulsos oriundos do corpo almejam a satisfação. Ele esclarece que o aparelho mental primitivo é regulado pela tendência a evitar o acúmulo de excitação, sentido como desprazeroso. O desprazer ativa o sistema para que haja diminuição da excitação, sentida como prazerosa. Essa é base para a definição de desejo que se encontra no capítulo VII de *Interpretação dos sonhos* (1900/1972b): “O caminho que parte do desprazer e tende ao prazer é o que denominamos desejo” (pp. 602-603). Conclui-se, então, que o que põe em movimento o sistema psíquico é uma experiência de desprazer, razão pela qual Freud considera que, provavelmente, o primeiro desejo deve ter

sido uma lembrança alucinatória de satisfação. Contudo, é provável que o desejo não se configure no funcionamento mental inicial das primeiras semanas de vida, regido pelo princípio de tensão-alívio de descargas, essencialmente quantitativo. Mas sim a partir da qualificação afetiva dessas experiências proporcionada por um contexto empático, ou seja, a partir de marcas mnêmicas. O primeiro momento corresponde ao ego real primitivo, e o segundo, ao ego prazer purificado, justificando a relação do conflito psíquico com o desejo nas neuroses, nas psicoses e nas perversões.

De fato, segundo Roudinesco (1998), Freud não identifica o desejo com a necessidade biológica – que busca a sua satisfação no objeto adequado –, mas com a vida psíquica, vindo a representar a sua verdadeira essência ao definir os sonhos como realizações alucinatórias de desejos. Lacan vai sintetizar muito bem essa compreensão freudiana do desejo, herdada dos filósofos gregos, ao apontar que o desejo é o desejo do outro, e que a lei e o desejo recalcado são uma só e mesma coisa (La Tessa, 2016).

Encontramos uma ideia sobre a origem do desejo na identificação do recém-nascido com o objeto primário, correspondendo ao encontro da pulsão com o outro empático que satisfaz correta e suficientemente a demanda, gerando uma vivência de satisfação que será gravada na mente sob a forma de uma marca mnêmica, uma lembrança de felicidade. A repetição dessa experiência consolida um sentimento de segurança que vai embasar a esperança do ser humano. Essa concepção da origem do desejo encontra-se poeticamente descrita nos versos do frade carmelita espanhol conhecido como São João da Cruz (1542-1591): “Nosso ser vive entre a saudade – desejo do passado – e a esperança – memória do futuro” (como citado em Perrini, 2011).

Comentários finais

Como acentua muito bem Daquino (2016),

Com Freud, a sexualidade se afasta do mero viés da união das células genésicas como fim e se converte, aliada aos conceitos de pulsão e de objeto, em uma manifestação da vida anímica dos sujeitos que está presente em todas as instâncias do desenvolvimento. Já não se trata somente de uma dimensão biológica-filogenética que aponta a conservação da espécie como instinto natural. Freud desconstrói qualquer relação de conaturalidade entre o sexo, a pulsão e a escolha de objeto, sendo o objeto da pulsão bastante variável e não existindo nenhum tipo de solda entre ele e a libido. Por isso, podemos dizer que Freud foi o primeiro a propor uma necessária desvinculação entre sexo, gênero e sexualidade. (pp. 63-64)

Em relação a esse tema, faz-se necessário não apenas revelar o que de certa forma é negado pela teoria psicanalítica clássica, mas também opor-se a uma aceitação incondicional de supostos básicos considerados imutáveis e caminhar na direção de uma necessária desconstrução dos códigos simbólicos que ordenam os laços afetivos de uma sociedade hegemonicamente falocêntrica. Em *Teoria sexual e psicanálise*, McDougall (1999) destaca que qualquer que seja o valor que se possa dar às diferentes teorias psicanalíticas, ao final, todas concordam em situar a sexualidade em um universo somatopsíquico, criado pelas universais pulsões libidinais a partir dos primeiros contatos do bebê com o corpo da mãe. Isso gera, já em seu nascedouro, uma série de conflitos psíquicos, provocados pelo inevitável choque entre os impulsos internos do recém-nascido e as restrições da realidade externa. Por conta disso, enfatiza: “A sexualidade é inerente e inevitavelmente traumática e força o ser humano a um eterno questionamento” (p. 12).

Como ponto final, não podemos deixar de consignar a importância das identificações, do conflito e dos sintomas nas manifestações da sexualidade dos indivíduos, para além das homo e heterossexualidades, das vicissitudes do difícil processo de separação-indivuação e, ainda, da epigenética que, nos últimos anos, tem ampliado o conhecimento sobre esse importante campo das relações humanas. De acordo com esses avanços, em que se destaca o fenômeno da metilação com a formação de epimarcas ancoradas junto aos genes responsáveis pela sensibilidade à testosterona, capazes de masculinizar o cérebro de meninas ou afeminar o de meninos, a antiga visão do sexo como um binário condicionado pelos cromossomos XX ou XY, como sugere Varella (2015), deveria ser definitivamente abandonada. Existem evidências científicas de que hábitos de vida e o ambiente social em que o indivíduo se encontra inserido podem modificar o funcionamento de seus genes, e investiga-se, atualmente, o caráter hereditário dessas modificações. Moshe Szyf, um pioneiro no campo da epigenética, estuda a possibilidade de os seres vivos reprogramarem seu genoma em resposta a fatores sociais como estresse e falta de comida. Suas pesquisas indicam que os sinais bioquímicos transmitidos das mães para os filhos informam à criança em que tipo de mundo eles vão viver, mudando a expressão dos genes. Sendo assim, “O DNA não é apenas uma sequência de letras” – diz Szyf – “o DNA é um filme dinâmico em que nossas experiências estão sendo escritas!” (Szyf, 2016). Para muitos autores atuais, a sexualidade e o gênero precisam ser enfocados multidisciplinarmente. Nessa perspectiva, pode-se ainda perguntar se não caberia recorrermos ao conceito de “pensamento complexo” de Morin

(Morin, Motta, & Ciurana, 1990/1996), o qual nos permite concluir que a unificação e a homogeneização são anseios que desrespeitam as diversidades e as heterogeneidades.

Normative heterosexuality and the impetuosity of desire

Abstract: The work consists of a critical review of the concept of sexuality in Freud's work and the concept of gender in vogue. Parenting is approached in line with the new presentations of sexuality in contemporary society. Given the intimate relationship with the subject of sexuality, the concept of desire is contextualized in psychoanalytic theory. Finally, the advances of epigenetics in the configurations of sexuality and gender are highlighted.

Keywords: Bisexuality. Epigenetics. Parenting. Sexuality. Theory of complexity.

Referências

- Alkolombre, P. (2017). Paternidades contemporâneas: Desejo de filho no homem e técnicas reprodutivas. In C. S. Holovko, & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero*. São Paulo: Blucher.
- Beauvoir, S. (1973). *The second sex*. New York, NY: Vintage. (Original publicado em 1949)
- Bertin, C. (1989). *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus.
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1990)
- Costa, G. P. (2006a). Sua majestade, o sogro. In *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2006b). Medo diante da mulher. In *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2007). Amor materno: Mito e realidade. In *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2017). Considerações psicanalíticas sobre sexualidade e gênero. In C. S. Holovko, & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero*. São Paulo: Blucher.
- Costa, G. & Katz, G. (1983). O desejo do menino de gerar e cuidar bebês: Uma contribuição ao tema da identidade paterna. *Rev. Psiquiatria*. 5(1), 20-24.

- Daquino, M. (2016). Trans, entre sexo e gênero. In M. Daquino (Org.), *A diferença sexual: Gênero e psicanálise*. São Paulo: Agente Publicações.
- Dolan, X. (Diretor). (2012). *Laurence anyways*. [Filme fraco-canadense]. Montreal: Studio Q.
- Freud, S. (1970). Psicanálise 'silvestre'. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1972a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1972b). Interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1976a). Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976b). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (1974). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930)
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937)
- Freud, S. (1984). *Cartas a la novia*. Barcelona: Tusquets. (Original publicado em 1963)

- Glocher Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Glocher Fiorini, L. (2017). Novas configurações familiares: Funções materna e paterna. In C. S. Holovko, & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero*. São Paulo: Blucher.
- La Tessa, M. (2016). Novas presenças da sexualidade. In M. Daquino (Org.), *A diferença sexual: Gênero e psicanálise*. São Paulo: Agente Publicações.
- Lacan, J. (1978). *Escritos*. São Paulo: Perspectiva. (Original apresentado em 1966)
- Lander, R. (2010). La masculinidade questionada. *Trópicos*, 18(1), 43-56.
- McDougall, J. (1999). Teoria sexual e psicanálise. In P. R. Ceccarelli (Org.), *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta.
- Morin, E., Motta, R., & Ciurana, E-R. (1996). *Educar para a era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 1990)
- Nasio, J.-D. (1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Naughton, V. (2005). *História del deseo em la época medieval*. Buenos Aires: Editorial Quadrata.
- Perrini, C. M. L. (2011). O nascer do outro na mente <-> o nascer da própria mente Antes... Agora... E depois? *Jornal de Psicanálise*, 44(81), 109-125.
- Platão (2017). *O banquete*. Rio de Janeiro: Vozes. (Original escrito por volta de 380 a.C.)
- Quintana, M. (2006). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Stoller, R. (1974). *Sex and gender*. New York: Janson Aronson. (Original publicado em 1968)
- Stoller, R. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1975)
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e feminilidade: Apresentações do gênero*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1985)

Szyf, M. (2016, Julho). *How early life experience is written into DNA* [Arquivo de vídeo]. Retirado de https://www.ted.com/talks/moshe_szyf_how_early_life_experience_is_written_into_dna

Varella, D. (2015, 14 de novembro). Homossexualidade e DNA. *Folha de São Paulo*.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 27/03/2019

Aceito em: 15/04/2019

Gley P. Costa
Rua Mariante, 288 / 1308
90430-180 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: gley@terra.com.br